

Rangel:

Vai por quatro o numero de vezes que me ponho a escrever e estarrece-se-me em meio a pena, tolhida de subita vergonha. É o caso que leio e leio e leio Camilo, com o afã dum Henry Morgan a remexer as arcas de um galeão espanhol capturado no mar dos Caraibas. Leio-o e penetro-me de Camilo, ensabão-me com as riquezas do maior sabedor da lingua d'aquem e d'alem mar, Algarves e Colonias; e, com a "descoberta" que fiz do que realmente é a lingua portuguesa, espanto-me do atrevimento da filha bastarda que vingou vicejar nestas paragens, tomou-lhe o nome e vive a dar-se como sua sucessora!

Num romance de Julio Verne ha um Tiago Paganel, geografo de má memoria, ao qual sucedeu o caso, que hoje não me espanta, de aprender o espanhol pelo português. Quando deu pelo engano, abriu a boca. Não me espanta porque fiz o mesmo: aprendi por cá uma lingua bunda pensando que era a nobre e fidalga lingua portuguesa.

Sempre vivi nesse elegante atascal da lingua francesa, no qual me cevava de literaturas exóticas, eslava, britanica, escandinava e até hindustanica_ sem me lembrar que isso só deve ser permitido aos que já perlustraram a fundo as provincias da literatura patria. E tão encrostado me pôs o longo patinhar por anos a fio nesse engano ledó e cego, que não creio em cura para o mal. Tenho sífilis no idioma, da incurável! Mas é provável que encetando agora o estudo da Grande Lingua, aos oitenta anos menos leigo serei de suas louçanias, que hoje. E como ajustado ao intento me pareceu Camilo, a ele me arremeti. Fiz vir um fardel de 50 volumes, que trago (tragar, engulir) em parcelas de meio por dia. E espero encomendas feitas a varias livrarias lusitanas, que me abasteçam de Francisco Manoel, um sujeito que deve valer muitos Stendhais e Taines. E de Almeida Garrett, o visconde resgatador de todas as alimarias viscondadas, baronadas, acondadas, marquesadas com que o moderno Portugal atravancou o mundo. E de mais Camilo, Herculano, e Tolentino, e Garção... Que coórte!

E enquanto de todos me não tornar amigo intimo em diurno e noturno conversar, protesto não admitir amizades barbaras (no sentido romano, isto é estrangeiras). Não me mandes, pois, o teatro francês, que te delicia; muito tempo hei perdido com esses deliciosos pechisbeques_ cocadas que atendem ao paladar mas empecem a alma. Tenho deles em Taubaté um metro de estante, e acodem-me os nomes de Robert de Flers e Caillavet, o seu irmão siamês; e Tristan Bernard o Barbinegro, espirituosissimo e safadissimo; e Maurice Donnay, todo sutilezas de bordel e salão; e Alfred Capus, consolador dos que tudo esperam da Sorte; e Rothschild, e Paul Hervieu, e Lavedan, e Henry Cain, e o Octave Mirbeau do Nogueira, e Henri Bataille, e o

traumatizante Bernstein, e Dario Nicodemi, o amante da faisandée Réjane; e Porto-Riche, e Tarride, e o Edmond Rostand do Ricardo... Acho que em França ha mais teatrologos do que espectadores.

O Acre... Para remeter dinheiro tanto vale o Correio como o Banco. Prefira o banco. No correio o provavel é esbarrarmos na má vontade pachola dessa gente federal. O Acre... A *Lua* é um pobre satellite. Têm-te valido alguma coisa as minhas notas? Mando mais uma dose. Se te enfandam, dice. Joeiro agora as belezas de Camilo. Que Eldorado! A gente tropeça em perolas. Tudo ali rutila e canta. Custa-me no Alves 1\$300 cada um desses Camilos vermelhos da Parceria. O Acre... Você sabe o que é o Acre, Rangel? É fazer o que fez um Ricardo Arruda de S. Paulo, que comprou um bilhete inteiro da loteria de Espanha e meteu-se num premio de 6 milhões de pesetas... (Falta o resto)